



# 21 anos de dor e impunidade em Santo Antônio de Jesus, Bahia

*O longo sofrimento de familiares e sobreviventes de uma das maiores tragédias com fogos de artifício da história do Brasil*

Há sete anos, em janeiro de 2013, jovens, a maioria universitários, morreram em um incêndio em uma casa noturna na cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul, no Sul do país. Trajetórias de vida interrompidas, comoção em todo o Brasil acompanhada e noticiada por grande parte da imprensa brasileira. O fato ficou conhecido como a tragédia da *Boite Kiss*. Foi constatado ter havido negligência e falta de fiscalização por parte do poder público brasileiro para garantir que aquela *Boite Kiss* funcionasse dentro das normas de segurança exigidas por lei. Assim como muitos daqueles estudantes, Arlete, 14 anos, em Santo Antônio de Jesus, interior da Bahia, Nordeste do Brasil, também tinha muitos sonhos. Era 09 de dezembro de 1998, uma quarta-feira, quando contou a sua mãe Maria Balbina que, no ano seguinte, entraria na primeira série do ensino médio. Moradora de um bairro periférico, Arlete sonhava com uma festa de 15 anos apesar das dificuldades materiais de sua família.

A adolescente trabalhava, desde os 10 anos de idade, em uma fábrica de fogos de artifício, em Santo Antônio de Jesus, cidade conhecida pela qualidade da farinha de mandioca vendida na feira livre, pela carne de bode, pelo comércio de roupas e pelo São João – quando os shows e o barulho dos fogos tomam conta do município, também conhecido pela produção ilegal e clandestina de fogos de artifício. Há, hoje, muitos polos universitários na cidade, tais como: o Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia (UFRB), com cursos de Medicina, Nutrição, Psicologia, Enfermagem; uma unidade do Instituto Federal da Bahia (IFBA); um Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com cursos de História e de Letras, além de algumas universidades privadas. Talvez, Arlete, assim como os jovens de Santa Maria-RS, teria se tornado uma estudante universitária com ainda mais sonhos a serem realizados.

Em 1998, enquanto Arlete sonhava com a entrada no ensino médio e a festa de 15 anos, trabalhava em uma fábrica de fogos pela manhã, estudava de tarde e, muitas vezes, regressava da escola de volta à fábrica para a confecção de explosivos como traques, pólvora embrulhada em papelotes. A fábrica funcionava em uma fazenda. Grupos de cerca de 20 ou 30 trabalhadores,

incluindo muitos menores de idade e senhoras, trabalhavam embaixo de tendas, que mediam uns 4 metros quadrados, manuseando pólvora sem proteção. “A gente não imaginava o que tinha dentro dela porque a gente chegava lá, o pessoal botava o material, a gente trabalhava e a gente vinha embora, mas não sabia nem o que era que tinha dentro da tenda porque tinha vários galpão, mas a gente nunca imaginava...tinha boi, tinha galinha era um pasto, só que tinha vários galpão e a gente não sabia o que tinha nos galpões e nem sabia o que era que o povo trabalha lá embaixo porque a gente nunca teve curiosidade de descer até o córrego para ver o que é que tinha lá embaixo. Nossa curiosidade era chegar na tenda, fazer nosso milheiro para ganhar 0,50 centavos. Minha menina fazia cinco [milheiros]. [...] Arlete dizia: oh, mãe, eu vou juntar esse dinheiro pra gente construir nossa casa”, relembra com muita dor Maria Balbina, hoje com 59 anos.

Na manhã de sexta-feira, 11 de dezembro de 1998, a fábrica de fogos de artifícios de Santo Antônio de Jesus-BA explodiu. 64 mortos, a maioria crianças e mulheres idosas. Arlete, levada para o hospital, faleceu às 05h05 da manhã de sábado. “A dor que a gente tem na nossa pele porque eu sou viva por um lado e morta pelo outro [...] a dor de uma mãe que tem um filho de 14 anos que tem tudo pela frente, sai de dentro de casa para não chegar [...]. Eu não vou num aniversário de 15 anos desde que minha filha morreu”, chora Maria Balbina, presidente do Movimento 11 de Dezembro. Constituído, principalmente, por mães que perderam filhos, órfãos e sobreviventes da explosão. “[...] que eles possam condenar esse país, que é o país das injustiças porque aqui é dois pesos, duas balanças porque a justiça só age para quem tem dinheiro”, sentencia Balbina. De acordo com a legislação brasileira, cabe ao Estado o dever de autorizar e fiscalizar quaisquer atividades com substâncias explosivas, mas, assim como no caso da tragédia da *Boite Kiss*, houve por parte do poder público brasileiro negligência e omissão.

Embora condenados por Júri Popular, os proprietários da fábrica não foram presos. “Agora, no 11 de dezembro último [2019], completou 21 anos dessa tragédia. Não só da tragédia, 21 anos de impunidade. A gente sabe que foram 64 pessoas que morreram [...] e que, até então, nunca foi feito a reparação devida nem pelo município, nem pelo estado e muito menos pelo governo federal. [...] sem falar que a fabricação clandestina de fogos aqui em Santo Antônio de Jesus continua sendo feita como se nada nunca tivesse acontecido. Outras explosões já ocorreram de 98 para cá, inclusive com vítimas fatais”, diz Manoel, missionário e colaborador do Movimento 11 de Dezembro.

Os seis sobreviventes não recebem tratamento médico nem psicológico. São muitos os casos de depressão em familiares, “a dor é grande, a dor não passa não, em momento nenhum, não passa [...]. Perdi três filhas [...] minha filha de 15 anos não vi. [...] só vi o pescocinho enrolado na gaze, a cabeça ficou lá no lugar”, externa Maria Madalena, mãe e vice-presidente do Movimento 11 de Dezembro. [...] foi movida uma ação na Corte Interamericana de Direitos Humanos, o Movimento tem muita esperança de que esse processo de fato venha a ser resolvido porque, no Brasil, não é que a gente não confia na justiça, só que a justiça, no Brasil, quando é para os pobres, é da forma que a gente tá vendo. Quando é para os ricos, se resolve com muita facilidade. É uma justiça classista que tem dois pesos e duas medidas [...]. Afinal, os proprietários desta fábrica são milionários. São ricos, têm muita influência política, aí não aconteceu nada contra eles, pelo contrário, fazem chacota, dão risada, fazem pouco caso do Movimento 11 de Dezembro que luta há 21 anos e luta apenas por uma coisa: que a justiça seja feita”, declara Manoel.